

Estereótipos de Gênero no Cinema Infantil: O “Olhar” de Crianças e de Psicólogos/as
Clínicos/as

Raissa Seabra de Carvalho

Brasília
Junho/2018



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

Estereótipos de Gênero no Cinema Infantil: O “Olhar” de Crianças e de Psicólogos/as

Clínicos/as

Raissa Seabra de Carvalho

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB como requisito parcial à conclusão do Curso de Psicologia. Professora orientadora: Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira.

Brasília

Junho/2018.



Folha de avaliação

Autora: Raissa Seabra de Carvalho

Título: Estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de crianças e de psicólogos/as clínicos/as

Banca Examinadora:

Professora orientadora: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Profa. Dra. Ciomara Schneider

Prof. Me. Lucas Alves Amaral

Brasília

Junho/2018.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, em especial ao meu pai e à minha mãe que sempre me apoiaram e me proporcionaram as oportunidades necessárias para chegar até aqui. Agradeço também ao meu irmão e à minha irmã por terem sido os melhores exemplos e por estarem sempre ao meu lado. Não poderia deixar de agradecer também aos/às amigos/as e pessoas importantes que me apoiaram e acreditaram em mim ao longo de todo este tempo; mas, para evitar de esquecer alguém importante, não os/as nomearei, apesar de saber que eles/as saberão quem são. Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer especialmente à minha orientadora, Ana Flávia, por todo o apoio, dedicação e acolhimento sem iguais, além do exemplo inspirador que levarei para o resto da minha vida pessoal e profissional.

Sumário

Resumo	vi
Introdução	1
1. Gênero, Corporeidade e Identidade	8
2. A Relação da Criança com o Cinema, a Narrativa e os Contos de Fadas	15
3. A Relação entre o Cinema e a Psicologia	19
4. Metodologia	23
4.1 Participantes.....	24
4.2 Materiais e instrumentos.....	25
4.3 Procedimentos de construção de informações.....	25
4.4 Procedimentos de análise.....	26
5. Resultados e Discussão	28
5.1 Estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de crianças.....	28
5.2 Estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de psicólogos/as clínicos/as.....	35
5.3 Representações visuais acerca dos estereótipos de gênero (desenhos).....	38
Conclusão	43
Referências Bibliográficas	46
APÊNDICES	51
APÊNDICE A	52
APÊNDICE B	55
APÊNDICE C	58
APÊNDICE D	61
APÊNDICE E	62

APÊNDICE F	66
ANEXOS	67
ANEXO A	68
ANEXO B	73

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a percepção de crianças na faixa etária entre 7 e 9 anos e de psicólogos/as clínicos/as acerca dos estereótipos de gênero nos filmes infantis. A base teórica adotada está ancorada nas contribuições da Psicologia Cultural e foram também utilizadas algumas contribuições teóricas da Psicanálise. Quanto à metodologia, foi utilizada a proposta qualitativa de pesquisa inspirada na Epistemologia Qualitativa de González-Rey e, para a análise das informações construídas na pesquisa de campo, o método de análise de conteúdo com a construção de categorias analíticas temáticas. As entrevistas realizadas foram individuais e semiestruturadas e, nas entrevistas com as crianças, além do roteiro semiestruturado, foram mostradas também algumas cenas previamente selecionadas de filmes infantis, além da produção de um desenho por cada uma delas. Os participantes foram três crianças com idades entre 7 e 9 anos e três psicólogos/as clínicos/as infantis. A análise das entrevistas indicou que existe uma mescla entre questionamento e concordância em relação aos estereótipos de gênero tradicionais associados à feminilidade e à masculinidade por parte das crianças, o que foi coerente com a percepção dos psicólogos/as clínicos/as infantis entrevistados/as. Entretanto, para que façamos parte de uma sociedade mais igualitária, é necessário o diálogo e um maior questionamento desses estereótipos. Além disso, ficou evidente a importância e a fertilidade da utilização de recursos imagéticos na interação e no trabalho educativo com crianças.

Palavras-chave: Estereótipos de gênero; Cinema; Crianças; Psicologia Cultural.

Introdução

Através de alguns indicadores sociais estatísticos, é possível observar que, de alguma forma, os arranjos e papéis sociais que vêm sendo reproduzidos socialmente estão contribuindo para a manutenção de uma sociedade desigual e preconceituosa em relação ao gênero. Por exemplo: segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os registros de violência física contra as mulheres foram de 63.838 em 2010, 45.953 em 2011 e 26.939 até Julho de 2012¹, além de registros de violência, exploração sexual e assédio no trabalho.

Aqui, entende-se por “estereótipos de gênero” os significados culturais atribuídos à feminilidade e à masculinidade no contexto de uma cultura. De forma mais específica, correspondem a crenças generalizadas, resistentes à mudança, sobre o que se espera de homens e mulheres em determinado contexto cultural. Segundo Louro (1998), “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (p. 21).

Tendo em vista a (re)produção das relações tradicionais de gênero e dos estereótipos “engessados” na nossa sociedade, que muito contribuem para a violência física, sexual e moral contra as mulheres (Madureira, 2010), entende-se que é importante buscar a compreensão do que está sendo transmitido em relação a isso e de que forma fazê-lo de maneira diferente para que, com o tempo, possamos fazer parte de uma sociedade mais igualitária.

¹ Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/2822-violencia-contra-mulher>. Dados acessados em 26/09/2017.

Ao refletirmos sobre a história de diversos povos, com culturas distintas, podemos ver que existem algumas maneiras utilizadas pelos seus integrantes de transmitir conhecimentos entre as gerações, como, por exemplo, a escrita e a narrativa oral.

Mesmo as sociedades mais antigas já apresentavam elementos culturais bastante definidos e marcados e os difundiam entre seus membros, por exemplo, através da narrativa, que vêm se mantendo como um elemento importante da comunicação até hoje. Ela é uma forma de “contar histórias”, tendo a finalidade de entreter, comunicar, transmitir valores, conhecimentos, crenças e valores culturais, entre outros. Por isso, é uma prática comum entre todas as faixas etárias: infância, adolescência, idade adulta e velhice. Além disso, pode ser apresentada de diferentes formas: nos contos de fadas, nas fábulas, nas lendas, nos mitos, no cinema, dentre outras formas.

Bruner (1996), importante autor da Psicologia Cultural – perspectiva adotada neste trabalho – explica que a narrativa é importante tanto para coesão de uma cultura, quanto para a estruturação da vida individual. No que tange ao desenvolvimento psicológico, “ (...) a capacidade de construção narrativa é crucial para construir a nossa vida e um ‘lugar’ para nós próprios no mundo possível com o que vamos deparar” (p. 67). Trata-se de “sentir-se em casa no mundo” (Bruner, 1996, p. 67) e ajudar as crianças (e as pessoas em geral) a criar, através de diversas formas de pensar e sentir, uma versão do mundo em que, psicologicamente, possam encontrar um lugar para si mesmas (um mundo pessoal).

Com a facilidade proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico, que têm se difundido de forma bastante significativa nas últimas décadas, o surgimento da televisão a cabo, da internet e dos aplicativos que oferecem enormes acervos de filmes, séries e desenhos online tem contribuído para que o alcance do cinema, uma forma de narrativa visual, seja cada vez maior. O que tem ocorrido principalmente em meio às gerações mais novas, que

parecem já nascer “conectadas”, e que podem reproduzi-los em praticamente qualquer lugar e por quantas vezes quiserem.

Para se ter uma melhor compreensão do alcance dessas tecnologias, de acordo com dados obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014, um em cada três domicílios com televisão possui o serviço de TV a cabo. Ou seja, em números absolutos, são 18,7 milhões de casas². Além disso, em 2014, 54,9% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet, sendo 80,4% também com acesso via celular e 76,6% via computador³.

Tendo em vista a facilidade de acesso e a dimensão do seu alcance, considera-se, então, que o cinema seja uma importante forma de transmissão de conhecimentos, valores e aspectos culturais importantes na nossa sociedade, uma vez que ele é uma forma de narrativa visual. Através do cinema, “(...) podemos construir a realidade psicológica e cultural que permeia a história real dos participantes” (Correia, 2003, p. 509). Neste caso, não somente dos/as personagens da história contada, mas também daqueles/as que produzem o filme e daqueles/as que o assistem, uma vez que estes não são apenas uma representação do sistema de diferenças sociais no qual estamos inseridos/as, mas também a produção delas (Zanello, 2018).

No que se refere, de forma mais específica, aos filmes infantis, Sabat (2001) afirma que:

Tais filmes são dirigidos mais especificamente a uma faixa etária determinada e neles o que podemos observar é uma série de narrativas em torno de comportamentos e

² Informações extraídas do site “Valor Econômico”. Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4027358/ibge-tv-por-assinatura-chega-quase-um-terco-dos-domicilios-no-pais>. Acessado em 30/08/2017.

³ Informações extraídas do site “Jornal de Floripa”. Disponível em: <http://www.jornalfloripa.com.br/geral/NOTICIA/celular-e-principal-meio-de-acesso-a-internet-no-brasil-mostra-ibge/>. Acessado em 10/04/2016.

valores que, entre outras coisas, estão produzindo determinados sujeitos de gênero. É nesse sentido que se torna importante estarmos atentas/os para as formas através das quais as representações de gênero têm sido reafirmadas na sociedade ocidental contemporânea, contribuindo para educar sujeitos e normalizar condutas (p. 4).

Segundo a psicologia histórico-cultural de Vigotski e colaboradores/as, é na infância que o indivíduo inicia o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, de socialização, de formação de conceitos e das demais funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, que possibilitam sua interação com o meio social e cultural (Madureira, 2012).

Sendo assim, a pesquisa realizada focalizou os estereótipos de gênero no cinema infantil e, mais especificamente, qual é a percepção de crianças e de psicólogos/as clínicos/as acerca dos estereótipos de gênero nos filmes infantis com o intuito de verificar que tipo de conteúdo está sendo transmitido através do cinema direcionado ao público infantil. Isso considerando-se que este se constitui como um importante simbolismo cultural na reprodução de identidades hegemônicas e de arranjos sociais, uma vez que, atualmente, os filmes (cinema), desenhos, propagandas, revistas e as mídias em geral “(...) além de interpelar performances, constitui-se em uma pedagogia dos afetos, uma colonização afetiva” (Zanello, 2018, p. 47).

Os filmes infantis, portanto, podem funcionar tanto como uma forma de transmissão de comportamentos e valores a serem seguidos, quanto como uma forma de apresentação de comportamentos e valores a serem questionados, a depender justamente das formas como as identidades tidas como hegemônicas e os arranjos sociais reproduzidos na nossa sociedade são representados.

Através dos códigos fornecidos pela linguagem, pelas interações sociais e pelo cinema, de forma mais específica, são criados modelos de conduta e papéis a serem seguidos ou questionados pelos membros de uma cultura. Assim, a inclusão ou exclusão e a visibilidade de um indivíduo ou de um grupo específico são, frequentemente, determinadas de acordo com o enquadramento ou não nestes padrões pré-estabelecidos.

Sendo estes elementos importantes na socialização dos indivíduos na nossa cultura, conclui-se que para promovermos mudanças efetivas na nossa sociedade, é preciso que estejamos atentos/as aos conteúdos que vem sendo produzidos e reproduzidos nos filmes e nos demais processos educativos direcionados ao público infantil, tendo em vista a relevância desta fase na constituição do sujeito.

Como fonte de inspiração de movimentos que andam na contramão de alguns modelos de conduta e de expressão de gênero e sexualidade “convencionais” que, muitas vezes, ainda são reproduzidos para as crianças na nossa sociedade, Ferrari (2017), em seu livro “O que é coisa de menina? ”, problematiza:

Ora, isso é algo que toda menina (e todo menino) deveria saber muito bem. Afinal, é na infância que a gente percebe que não existe regra e que todo mundo pode tudo: tem menino que gosta de brincar de casinha, tem menina que gosta de construir foguete. Por que, então, temos que nos adaptar a certos padrões de comportamento? Por que ainda dizem por aí que certas coisas não são apropriadas para mulheres? (Contracapa do livro mencionado).

E ainda, segundo Ferrari (2017):

Tem menino que deseja ser super-herói, jogador de futebol e astronauta. Outros sonham em ser estrelas do rock e viajar o mundo cantando para multidões. Mas todos eles também podem querer brincar de boneca, cozinhar receitas gostosas e fazer aulas de dança. Muitos meninos crescem ouvindo que não podem agir e sentir da mesma forma que meninas – por que as coisas têm que ser assim? (Contracapa do livro “O que é coisa de menino? ”).

Com isso, vê-se que é possível e que é preciso procurar caminhos diferentes no âmbito dos diversos contextos educativos nos quais estamos inseridos/as e buscar o diálogo para a promoção da igualdade entre homens e mulheres na nossa sociedade.

Acreditando nisso, a autora do presente trabalho tem investido em estudos e pesquisas neste sentido, já tendo realizado o trabalho “Feminilidade e Masculinidade: uma perspectiva atual de jovens adultos” (2016), também sob a orientação da Profa. Dra. Ana Flávia Madureira, cujo objetivo era analisar como a feminilidade e a masculinidade têm sido representadas na mídia na perspectiva de jovens adultos de classe média, mulheres e homens, a partir de diálogos interdisciplinares com o campo das artes visuais. Para isso, foram realizadas 3 entrevistas individuais semiestruturadas com a apresentação de imagens previamente selecionadas, com jovens entre 18 e 30 anos.

Os resultados da pesquisa mencionada evidenciaram as diferenças nas expectativas em relação aos papéis, comportamentos e características associadas ao feminino e ao masculino. Além disso, ficou clara a dominação masculina em relação à mulher dentro de uma sociedade eminentemente machista e, portanto, a necessidade de mudanças em direção à busca pela equidade entre homens e mulheres.

O presente trabalho de pesquisa, por sua vez, estrutura-se através de três seções teóricas, que se intitulam: “Gênero, corporeidade e identidade”, “A relação da criança com o

cinema, a narrativa e os contos de fadas” e “A relação entre o cinema e a psicologia”. Posteriormente, apresentam-se as seções de metodologia, resultados e discussão e conclusão.

Objetivo geral: Investigar a percepção de crianças na faixa etária entre 7 e 9 anos e de psicólogos/as clínicos/as acerca dos estereótipos de gênero a partir de filmes infantis.

Objetivos específicos:

- Investigar, a partir de cenas selecionadas de filmes infantis, a percepção das crianças participantes da pesquisa acerca dos estereótipos de gênero.
- Analisar de que forma as crianças representam visualmente estes estereótipos em forma de desenho.
- Investigar a percepção de psicólogos/as clínicos/as infantis acerca dos estereótipos de gênero a partir de filmes infantis.

1. Gênero, Corporeidade e Identidade

Diante de uma sociedade em que as desigualdades de gênero ainda são tão presentes, é importante buscarmos compreender os mecanismos de inclusão e exclusão que fazem parte dos arranjos sociais que a mantêm desta forma. Um dos componentes sociais importantes neste processo são os padrões identitários e de comportamento pré-estabelecidos nestes arranjos. Ou seja, ainda que cada indivíduo seja único, dentro de cada contexto cultural existem expectativas sociais previamente estabelecidas a respeito de como uma mulher e um homem devem ser, e da forma como eles/as devem agir e se comportar no convívio social cotidiano.

De acordo com Valsiner (2012), a cultura opera como o conjunto de princípios e instituições organizadoras externos aos seus membros. Neste trabalho, mais especificamente, a base teórica adotada é a psicologia cultural, em que “(...) a cultura ‘pertence ao’ sistema psicológico individual e desempenha algum papel funcional dentro dele” (Valsiner, 2012, p. 28).

A participação social da pessoa no âmbito da cultura fornece material para o sistema psicológico da pessoa (Valsiner, 2012) e, para que isso seja possível, é indispensável o uso da linguagem. Esta, portanto, “(...) é uma ferramenta semiótica no sistema intrapsicológico da pessoa e orienta os modos pelos quais ela pensa, sente e articula sua fala” (Valsiner, 2012, p. 28). A mediação semiótica (ou seja, por signos) é, portanto, o princípio explicativo a que a cultura se refere, além de fazer parte do sistema das funções psicológicas organizadas de cada indivíduo.

Esta mediação pode ocorrer tanto no âmbito intrapessoal quanto no âmbito interpessoal. No âmbito intrapessoal, refere-se aos processos intrapsicológicos da pessoa na sua experiência no mundo, como pensar, sentir, planejar, dentre outros processos. No âmbito

interpessoal, que diz respeito à interação entre as pessoas, como conversar, persuadir, evitar, dentre outros processos (Valsiner, 2012). Ou seja, é através da mediação (tanto intra quanto interpessoal) que a pessoa aprende os signos, valores, tradições e elementos constituintes da cultura em que está inserida, bem como vai construindo sua identidade.

A respeito do conceito de “identidade”, Galinkin e Zauli (2011) esclarecem que este:

(...) deriva do latim *idem* e tem o sentido de mesmo, enquanto o verbo identificar significa tornar-se igual, idêntico a algo ou alguém. Identificar significa, ainda, separar, distinguir de outros semelhantes a partir de características que tornam algo ou alguém diferente. Nesse caso, traz o sentido de unicidade e refere-se a aspectos individuais que fazem cada pessoa sentir-se única, singular (p. 253).

A identidade, portanto, refere-se ao que uma pessoa é: mulher, brasileira, homossexual, atéia, etc. Mas, para isso, é preciso que o indivíduo se reconheça ou se diferencie das diversas possibilidades existentes na constituição de si mesmo. Ou seja, é necessário que ele se compare para que reconheça as semelhanças e as diferenças com os demais indivíduos e grupos (Galinkin & Zauli, 2011). Ricoeur (1991, citado por Galinkin & Zauli, 2011), destaca, então, que “(...) semelhanças e diferenças fazem parte da mesma composição. A acepção de identidade remete (...) aos termos (...) do se reconhecer e ser reconhecido pelo outro” (p. 253).

Woodward (2000) acrescenta ainda que a identidade é, então, marcada pela diferença. Ou seja, ter uma identidade (por exemplo, a identidade feminina), em parte significa não ter outra (por exemplo, a identidade masculina). Essa diferença, então, é sustentada pela exclusão: uma pessoa ou é mulher ou é homem. Entretanto, uma depende das características da outra para existir, já que elas se constituem através da diferenciação entre si.

Além disso, segundo Sawaia (2014), identidade “(...) é um conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes (...)” (p. 126). Ou seja, ela faz parte da dialética de inclusão/exclusão de parcelas da população dos direitos de cidadania sem que haja prejuízo à harmonia e à ordem sociais (Sawaia, 2014).

Ainda segundo Sawaia (2014):

Esse processo, na maioria das vezes, é sutil como, por exemplo, a definição da identidade da mulher pelas características específicas da vida privada e a justificativa de que ela se origina ou na “natureza humana” ou na vontade e escolha livre: “eu gosto, eu quero”. Dessa forma, inclui-se a mulher pela exclusão da vida pública, responsabilizando-a pela situação (p. 126).

A respeito da construção das identidades sexuais (as múltiplas formas como são subjetivadas as orientações sexuais) e de gênero (as múltiplas formas de tornar-se homem ou mulher), mais especificamente, passa pelo estudo dos significados culturais associados à masculinidade, à feminilidade e ao exercício da sexualidade na sociedade em que estamos inseridos/as (Madureira, 2010).

Segundo Louro (2000), as identidades sexuais e de gênero são também compostas por relações sociais e pelas relações de poder que perpassam a sociedade nas quais estão inseridas e estas, portanto, “(como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais” (p. 12).

Sobre os papéis de gênero difundidos na sociedade brasileira, Parker (1991) esclarece que as diferenças anatômicas e os papéis culturais associados à “atividade” e à “passividade” estruturam as concepções em relação à masculinidade e à feminilidade, transformando-as em categoriais hierárquicas opostas, definidas social e culturalmente. É interessante destacar que,

mesmo que ambos sejam parte da constituição de grupos, ou o que Bourdieu (2005) chama de “campos sociais”, como a família, o grupo de amigos, o grupo de colegas do trabalho e outros, ainda existe uma suposta “superioridade” vinculada à figura masculina.

Com o intuito de explicar essa suposta “superioridade” associada à masculinidade, Navarro Swain (2008) discute que a construção das práticas e representações das mulheres sofrem a influência de um dispositivo diferente, o dispositivo amoroso, que institui: “(...) a imagem da ‘verdadeira mulher’, e (...) suas qualidades e deveres: doce, amável, devotada (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e, sobretudo, amorosa. Amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si” (p. 10). Este, então, “(...) cria mulheres e, além disto, dobra seus corpos às injunções da beleza e da sedução, guia seus pensamentos, seus comportamentos na busca de um amor ideal, feito de trocas e emoções, de partilha e cumplicidade” (p.10).

Sendo assim, a mulher não é considerada como ‘dona’ de sua sexualidade e de seu corpo, e sim como objeto/propriedade dos homens. Ou seja, “(...) uma mulher ‘honrada’ seria propriedade de um único homem, aquelas que não correspondem a tal expectativa poderiam ser ‘apropriadas por todos os homens’” (Madureira, 2010, p. 47), como objetos sexuais para o seu deleite.

Entretanto, para todas elas, “(...) o amor diz respeito à sua identidade, como uma experiência vital” (Zanello, 2018, p. 83). Segundo a autora, o amor é a maior e mais invisível forma de apropriação e desempoderamento das mulheres em nossa cultura, uma vez que a ideia mais recorrente nos produtos culturais direcionados às mulheres, por exemplo, é a de que a coisa mais importante que pode lhes acontecer na vida é encontrar um homem que seja o centro organizador de suas vidas e casar-se.

Em relação ao homem, por sua vez, Berger (1980) afirma que:

A presença de um homem depende da promessa de poder que encarna. Se a promessa é grande e crível, a sua presença impressiona. Se é pequena ou pouco segura, acha-se que tem fraca presença. O poder prometido pode ser moral, físico, temperamental, econômico, social, sexual (...). Uma presença masculina sugere sempre o que homem pode fazer por nós ou para nós (p. 49).

Por isso, é importante destacar o “engessamento” dos estereótipos de gênero e da expressão da sexualidade dos indivíduos na sociedade, que são ancorados no sistema binário de gênero e na heteronormatividade, e mais especificamente a produção e a reprodução de uma pedagogia do feminino, sendo esta “uma pedagogia visual que naturaliza e legitima o corpo feminino como objeto de contemplação, tornando esse modo de ver particular como a única ‘verdade’ possível” (Loponte, 2002, p. 283). A mulher “(...) tem de vigiar tudo que é e o que faz, pois sua aparência, e, em primeiro lugar, a sua aparência perante os homens é de importância decisiva para o que poderá ser geralmente considerado o seu êxito na vida” (p. 50).

Ou seja, a mulher, muitas vezes, é reduzida ao seu corpo e este, por sua vez, é considerado como objeto de contemplação e deleite masculino. Além disso, é preciso ter o ‘corpo perfeito’: a mulher deve ser magra, jovem, esticada, linda, loura, marombada e bela (Novaes, 2011). E para alcançá-lo, portanto, é preciso que características como a gordura, a velhice e o cabelo ‘ruim’⁴, por exemplo, sejam eliminadas ou atenuadas ao máximo, inclusive com procedimentos médicos/estéticos se for preciso (Novaes, 2011).

⁴ Considera-se relevante ressaltar que a expressão “cabelo ruim”, comumente utilizada em nossa sociedade, também é uma forma de preconceito, mais especificamente de racismo. Pressupõe-se que existem cabelos bons e ruins, sendo o “cabelo bom” o liso, mais comum entre as pessoas brancas, e o “cabelo ruim” o cacheado ou crespo, mais comum entre as pessoas negras.

A respeito dos corpos, Louro (2000) esclarece que estes ganham sentido culturalmente e a inscrição dos gêneros feminino e masculino neles é sempre feita no contexto de uma cultura e, conseqüentemente, com as marcas dessa cultura. A autora acrescenta ainda que:

De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres (p. 15).

Considerando-se o equívoco bastante frequente na compreensão dos conceitos de sexo e gênero, é importante esclarecer que, de acordo com Casares (2008 citada por Monteiro & Zanello, 2014), “(...) o termo ‘gênero’ surgiu justamente com o intuito de romper com o determinismo que marcava simbolicamente o destino de homens e mulheres, atrelado a uma diferença dos órgãos genitais” (p. 36), sendo esta última entendida como sexo. Isso significa que o sexo diz respeito aos aspectos biológicos, a designação do órgão genital do indivíduo. O gênero, por sua vez, abrange os aspectos culturais, o processo de subjetivação do ser humano e o meio social em que o indivíduo está inserido (Lauretis, 1987).

Entretanto, como o conceito de gênero ainda está tão atrelado ao conceito de sexo no cotidiano por falta, muitas vezes, de conhecimento e compreensão da maior parte das pessoas em relação ao assunto, Lauretis (1987) introduz o conceito de tecnologia de gênero, que propõe um sistema que atribui significado a todo e qualquer indivíduo dentro da sociedade. Para a autora, então, o gênero “(...) como representação e como auto-representação é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida

cotidiana” (Lauretis, 1987, p. 208). Ou seja, ele não é algo dado à priori, e sim resultado da construção a partir do contexto em que o indivíduo está inserido.

Scott (1995) acrescenta ainda que: “na gramática, o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (p. 72) e que este “(...) é a organização social da diferença sexual. (...) ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade.” (p. 115).

Por possibilitar as análises de diversas questões sociais, o gênero corresponde a uma categoria analítica, enfatizando a dimensão cultural e seu papel estruturante no processo de tornar-se homem ou mulher (Madureira, 2010). Além disso, é um conceito eminentemente relacional e político, uma vez que está diretamente associado às relações de poder presentes em diversas culturas.

2. A Relação da Criança com o Cinema, as Narrativas e os Contos de Fadas

O cinema, que corresponde a uma narrativa visual, é constituído por um conjunto de signos característicos do contexto da sociedade em que estamos inseridos/as. Isso quer dizer que este é uma forma de mediação semiótica tanto interpessoal como intrapessoal.

As imagens, que fazem parte do domínio das representações visuais, apresentam algumas camadas: subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas (Santaella, 2012). Segundo a autora, essas camadas estão contidas no interior da própria imagem e a finalidade da sua leitura é justamente apreendê-las.

Sobre o cinema, especificamente, Lauretis (1987 citada por Monteiro & Zanello, 2014) aponta que:

(...) é construído dentro de uma perspectiva histórica, veiculando discursos e práticas específicos que possuem determinada finalidade social. A hipótese semiológica é a de que, assim como uma linguagem, o cinema apresenta uma organização formal de códigos, específicos e não específicos, que funcionam de acordo com uma lógica interna ao sistema (p. 36).

Entretanto, ao analisarmos o histórico do cinema, observamos que os códigos apresentados nos filmes foram mudando ao longo do tempo, considerando-se que seu alcance foi sendo cada vez maior e mais rápido. Kemp (2011) propõe, inclusive, o seguinte questionamento: “Será que alguma forma de arte se espalhou tão rapidamente ou de um modo tão universal quanto o cinema?” (p. 8).

Levando-se em consideração que o acesso às demais expressões artísticas, por muito tempo, se restringiu a uma pequena parcela da sociedade, tanto pelos aspectos econômicos

quanto pelos aspectos culturais, ou seja, os conhecimentos que eram exigidos para compreendê-las e acessá-las, o cinema surgiu com uma característica inusitada: o silêncio. Ou seja, não era preciso ser alfabetizado/a para compreender as histórias que estavam sendo narradas. Além disso, o equipamento necessário para a sua reprodução era muito mais simples, o que possibilitou que os filmes “viajassem” pelo mundo com rapidez (Kemp, 2011).

Apesar de ser uma forma de arte relativamente recente, não existe um consenso a respeito do momento exato de sua criação. Entretanto, a maior parte dos/as estudiosos/as concorda que foi em 1895, quando os irmãos Lumière projetaram a primeira imagem em movimento para uma plateia (Kemp, 2011). Mas até a década de 30 do século XX, os filmes eram compostos apenas por imagens, não tinham som (Kemp, 2011; Haffenden, 2013). A partir de então, a maior parte dos filmes passaram a ser falados.

Em 1928 estreou o primeiro filme de animação da Disney, “O vapor Willie”, estrelando os primeiros personagens de sucesso: *Mickey* e *Minnie Mouse*. Esta foi também a primeira animação com som sincronizado, em vez de música apenas, e Walt Disney foi também o primeiro a criar animações em longa-metragem, sendo a primeira delas “A Branca de Neve e os sete anões” em 1937 (Haffenden, 2013).

Com o tempo, a tecnologia utilizada no cinema foi se desenvolvendo, e os instrumentos de captação e reprodução de som e imagem foram se aprimorando, tornando-os cada vez mais reais e mais elaborados, chegando aos efeitos especiais, animações em computador e até as imagens em 3D de hoje. Além disso, com a chegada da TV na década de 1950 do século XX, a inauguração dos cinemas “multiplex”, com dezenas de salas, na década de 1980, e da criação da internet em meados da década de 1960, o cinema foi tendo o acesso cada vez mais facilitado (Haffenden, 2013).

Com isso, observa-se, então, que Walt Disney (1901-1966) foi o maior precursor do cinema infantil e sua empresa, *Walt Disney Company*, juntamente com os outros estúdios que

possui, até hoje é reconhecida como uma das mais fortes e conhecidas no ramo⁵. Apesar de ser uma empresa de alcance mundial, alguns de seus filmes atuais geraram polêmica ao serem proibidos em alguns países por abordarem temáticas como a homossexualidade de alguns personagens, a problematização de alguns papéis de gênero apresentados e assuntos que vão na contramão das fronteiras simbólicas rígidas entre a masculinidade e a feminilidade (Madureira, 2010).

De acordo com Madureira (2010), “nos diversos contextos culturais ao redor do mundo existem fronteiras simbólicas que delimitam, de forma semipermeável, as diferenças entre os indivíduos e grupos sociais” (p. 19). O preconceito e a discriminação ocorrem quando estas fronteiras se tornam rígidas, não-permeáveis e passam a qualificar determinados grupos (por exemplo, as mulheres ou os homossexuais) a partir da sua desqualificação (Madureira, 2010). Ou seja, o fato de alguns países proibirem a exibição de um filme por este abordar temáticas como a homossexualidade, por exemplo, é uma forma de preconceito e de discriminação em relação a este grupo. Ou seja, é uma expressão de homofobia.

Ainda em relação ao cinema, em geral, entende-se que a experiência por ele proporcionada mantém “o contato com o real e também transfigura o real até a magia” (Moussinac, 1946, citado por Morin, 2014). Cabe destacar que uma das razões do enfoque aqui conferido ao cinema infantil é a necessidade de magia que a criança tem nesta fase da vida. Sobre isso, Bettelheim (2016) explica:

Tanto os mitos como as histórias de fadas respondem a questões eternas: Como é realmente o mundo? Como viver minha vida nele? Como posso de fato ser eu mesmo?

As respostas dadas pelos mitos são explícitas, enquanto que o conto de fadas é

⁵ Nem todos sabem, mas algumas produtoras bastante renomadas no ramo do cinema infantil, como *21st Century Fox*, *Touchstone Pictures*, *Pixar*, *Marvel Entertainment*, *Lucasfilm* e outras, também são afiliadas da *Walt Disney Company* (informações disponíveis em: <https://pt.linkedin.com/company/the-walt-disney-company>).

sugestivo; suas mensagens podem trazer implícitas soluções, mas ele nunca as soletra. Os contos de fada deixam para a própria fantasia da criança a decisão de se e como aplicar a si própria aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humanas. (p. 67).

Considerando que os filmes infantis dão margem às fantasias das crianças e, muitas vezes, inclusive são baseados em contos de fadas, seu papel e sua importância são bastante semelhantes. Entretanto, no que se refere às versões modernas dos contos de fadas (e aqui incluem-se as histórias contadas nos filmes infantis), Corso e Corso (2006) esclarecem que estas se devem à criação histórica da família nuclear, da concepção da infância tal como a conhecemos hoje, da criação de um mundo próprio da criança e do reconhecimento de uma “psicologia infantil” (ou seja, que se dedica às especificidades da fase da infância), na qual a abordagem psicanalítica se destaca, inclusive nos estudos sobre os próprios contos de fadas.

Para se chegar nesta concepção de infância que conhecemos hoje, houve algumas implicações: a exclusão dos pequenos do mundo do trabalho e o reconhecimento das crianças como sujeitos a partir dos novos códigos civis, com direito a proteções legais específicas e com o reconhecimento de uma subjetividade diferente da subjetividade dos adultos (Corso & Corso, 2006).

3. A Relação entre o Cinema e a Psicologia

Um aspecto importante na relação do espectador com a história que é narrada nos filmes é que, segundo Morin (2014), as estruturas “mágicas” dos filmes respondem às mesmas necessidades imaginárias que as do sonho.

Mais próximo do cinema é o sonhar acordado (...). A separação entre o sonhador e sua fantasia aqui é levada muito mais longe do que durante o sono: vivendo amores, riquezas e triunfos, continuamos a ser nós mesmos, às margens do sonho, às margens prosaicas da vida quotidiana. (Morin, 2014, p. 183).

É possível verificar isso ao observar que, muitas vezes, ao assistir um filme, nos pegamos sentindo as emoções sugeridas pela história (alegria, tristeza, raiva, decepção, etc) torcendo pelo sucesso de determinado personagem e desejando o fracasso de outro, e até mesmo nos colocando no lugar do protagonista, desejando viver a história dele como em um sonho. Segundo Corso e Corso (2011): “Na prática, somos casados com a realidade, mas só pensamos em nossa amante: a fantasia” (p. 17).

Morin (2014) ainda acrescenta que:

A arte do cinema e a indústria do filme são apenas as partes que emergem à nossa consciência de um fenômeno que devemos tentar apreender em sua plenitude. Mas a parte submersa, essa evidência obscura, confunde-se com nossa própria substância humana, ela mesma evidente e obscura, como o batimento do nosso coração, as paixões da nossa alma. (contracapa do livro “O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica”).

O que quer dizer que para compreendermos a experiência proporcionada pelo cinema e o conteúdo transmitido através dele, é preciso atentar para os mecanismos e arranjos sociais que estão por trás desta importante tecnologia social e de gênero, e as implicações que estes produzem nos indivíduos. Diante disso, há que se ressaltar a importância da psicologia e mais especificamente da psicologia clínica, cujo foco é justamente a “(...) prática ética e política das intervenções, comprometida com a promoção da saúde e engajada na realidade social (...)” (Moreira, Romagnoli & Neves, 2007, p. 608).

Conforme já mencionado, é importante destacar também a relação direta da psicanálise (e da clínica psicanalítica) com o tema abordado neste trabalho: sua paixão pela fantasia, “(...) resolutive de conflitos, constitutiva de identidades, criadora de espaços psíquicos tão reais e potentes quanto a dita realidade da vida” (Corso & Corso, 2006, p. 16). Levando-se em consideração que esta teoria acredita na existência de conteúdos e questões inconscientes nos indivíduos, a fantasia seria uma das formas de manifestação do inconsciente e, por isso, é tão importante para esta abordagem.

Corso e Corso (2006) afirmam que a transformação das narrativas tradicionais nos atuais “contos de fadas” foi concomitante à criação e ao reconhecimento de um modo próprio da criança e de uma “psicologia infantil”, da qual a psicanálise mais tarde veio a se destacar.

Nesse sentido, Àries (1981) demonstra, em sua obra clássica “História social da criança e da família”, que a infância, a criança e a família, de fato, nem sempre foram vistas tal como são hoje. No decorrer de alguns séculos, a criança foi representada nas obras de arte como um “pequeno adulto” e, como é também na arte que os conhecimentos, valores e costumes são representados, isto refletia exatamente a forma como esta era vista naquele momento. Ela se diferenciava do adulto apenas pelo tamanho e inclusive suas obrigações eram semelhantes, como a do trabalho, por exemplo. Estas representações passaram por algumas fases, inclusive associando a imagem da criança à Jesus e à Igreja, até chegar na

representação da família nuclear (pai, mãe e filhos) e depois da criança sozinha, no século XVII (Àries, 1981).

A partir daí, surgiu uma sensibilidade inédita: só então a consciência comum descobriu que a alma da criança também era imortal, assim como a do adulto, e foi, então, que os pais começaram a ter determinados cuidados, como vacinar suas crianças, por exemplo, e a enxergá-las de outra forma (Àries, 1981). No século XIX, a fotografia substituiu a pintura, mas desde então o costume da família possuir fotos dos filhos nunca se perdeu (Àries, 1981).

Ainda segundo Àries (1981), a descoberta da infância começou no século XIII e seu desenvolvimento pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI, mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. Este fato é confirmado pelo gosto manifestado na mesma época pelos hábitos e pelo jargão das crianças pequenas: os adultos passaram a se interessar por estes e também em registrar as expressões das crianças e em empregar seu vocabulário.

Mesmo hoje, na era das novas tecnologias de informação e de comunicação e “com seu imperativo de tudo mostrar, tudo dizer, tudo exhibir” (Corso & Corso, 2006, p. 17), estes autores afirmam que as crianças continuam interessadas em seu próprio universo dos mistérios que, em alguma medida, são diferentes do que eram antes, mas que ainda envolvem a fascinação pelo que desperta medo, fantasia e a possibilidade de invenção e criação.

Além disso, os autores mencionados, como psicanalistas, afirmam que a capacidade de sobrevivência dos contos de fadas ao longo do tempo “(...) consiste em seu poder de simbolizar e ‘resolver’ os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje” (p. 16). Estes exigem o poder imaginativo das crianças e são capazes, através de sua riqueza simbólica, “(...) de conectá-las ao elemento *maravilhoso* e à

multiplicidade de sentidos que caracterizam o mito em todas as culturas e em todas as épocas, formando (...) ‘um acervo comum de histórias’ através do qual a humanidade reconhece a si mesma” (p. 16).

A clínica (no sentido amplo, para além do consultório, e independente da abordagem psicoterápica utilizada) oferece um importante espaço de escuta para inúmeras pessoas (inclusive crianças) a respeito de si mesmas, de suas relações, de suas vidas, seus conflitos e seus medos. Através dela, é possível verificar estes mecanismos e arranjos sociais e a forma como eles interferem na constituição das identidades sexuais e de gênero dos indivíduos. É possível analisar também as questões relativas ao desenvolvimento infantil e suas implicações na subjetivação e nos processos de construção da identidade das crianças, o que nos oferece a possibilidade de ir além de uma análise micro, ou seja, mais individual, e analisar o macro, ou seja, como as relações da sociedade se constituem, em um sentido amplo.

4. Metodologia

Foi utilizada uma metodologia qualitativa de investigação porque, conforme explica Minayo (2010), ela “se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (p. 21).

É sabido que as Ciências Humanas, por abrangerem a complexidade dos seres humanos, suas relações e suas riquíssimas redes de significados, são bastante peculiares e que, uma vez que “numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, e o observador é, ele próprio, uma parte da observação” (Lévy Strauss, 1975, citado por Minayo, 2010, p. 13).

Especificamente a respeito da epistemologia qualitativa, desenvolvida por González-Rey (1999, citado por Madureira e Branco, 2001), o autor esclarece que: “(...) é um esforço na busca de formas diferentes de produção do conhecimento na Psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana” (p. 66).

Ou seja, a metodologia qualitativa inspirada na Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey, busca romper com a proposta da epistemologia positivista, em que a realidade é vista como algo simples, que pode ser descrita a partir de algumas poucas leis universais. Ela busca compreender a realidade considerando que os contextos histórico-culturais são fundamentais para a sua constituição e que esta é, portanto, dinâmica e complexa (Madureira & Branco, 2001). Isso significa que a cultura deixa de ser vista apenas como uma variável interveniente e passa a ser considerada fundamental no desenvolvimento psicológico humano (Madureira & Branco, 2001).

Tendo em vista a relevância de questões que podem desencadear atitudes preconceituosas, práticas discriminatórias e intolerantes, é importante que estas sejam alvos de investigação para que possamos ter uma compreensão mais aprofundada a respeito e, assim, promover mudanças efetivas na direção de uma educação mais atenta a estas temáticas. E, conseqüentemente, contribuir também com a construção de uma sociedade mais igualitária. Minayo (2010) esclarece ainda que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (p. 160).

4.1 Participantes

Fizeram parte desta pesquisa seis participantes: três crianças com idades entre 7 e 9 anos e três psicólogos/as clínicos/as infantis, todos/as selecionados/as mediante amostra por conveniência, a partir da rede social da pesquisadora.

Apesar de todas as crianças participantes da pesquisa serem meninas e de todos os psicólogos/as clínicos/as serem da abordagem Junguiana, estes não foram pré-requisitos para a seleção dos/as mesmos/as, e sim um mero acaso.

Tendo em vista a conduta ética que deve ser adotada em pesquisas com seres humanos, todos/as eles/as terão suas identidades pessoais mantidas sob sigilo e os nomes utilizados no presente trabalho são fictícios.

Tabela 1

Participantes (crianças)

Nome	Idade	Gênero
Laís	7	Feminino
Yana	7	Feminino
Jade	7	Feminino

Tabela 2

Participantes (psicólogos/as clínicos/as)

Nome	Gênero	Abordagem
Rafaela	Feminino	Junguiana (Psicologia Analítica)
Túlio	Masculino	Junguiana (Psicologia Analítica)
Augusto	Masculino	Junguiana (Psicologia Analítica)

4.2 Materiais e instrumentos

Para a realização desta pesquisa, foi utilizado como instrumento um roteiro de entrevista semi-estruturado para os/as psicólogos/as clínicos/as e outro, para as crianças. Nas entrevistas realizadas com as crianças, foram exibidos também alguns trechos previamente selecionados de filmes infantis e cada uma delas produziu um desenho.

Os materiais, por sua vez, foram: um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) impresso para cada participante (no caso das crianças, apresentado e assinado pelos pais ou responsáveis – Apêndices A e B), um Termo de Assentimento impresso para cada criança (Apêndice C), um *notebook* para a reprodução das cenas de filmes (“A Bela Adormecida”, “Frozen”, “A Bela e a Fera” e “Valente”) previamente selecionadas; um gravador de aparelho celular; papel, lápis de cor e canetinhas hidrográficas para a realização dos desenhos por parte das crianças.

4.3 Procedimentos de construção de informações

Foi realizado um encontro com cada criança e um com cada psicólogo/a. Nos encontros com as crianças, foi realizada a entrevista com base em um roteiro semi-

estruturado (Apêndice C) e, em seguida, foram apresentadas as cenas previamente selecionadas de quatro filmes infantis (Apêndice D) e feitas algumas perguntas sobre elas. Por último, foi solicitado que cada uma delas escolhesse um dos filmes selecionados e fizesse um desenho ilustrando como ela gostaria que fosse o desfecho da história do filme apresentado. Nos encontros com os/as psicólogos/as, por sua vez, foi realizada a entrevista com base em outro roteiro semi-estruturado (Apêndice E).

As entrevistas com as crianças foram realizadas nas casas de cada uma delas e as com os/as psicólogos/as em seus consultórios, com exceção de Túlio, que preferiu fazer em sua casa. O local foi escolhido de acordo com a preferência de cada um deles/as e, no caso das crianças, de seus/suas responsáveis.

Tendo em vista a preservação do sigilo em relação à identidade pessoal dos/as participantes, foram utilizados nomes fictícios, o que foi informado e consentido através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por todos/as os/as participantes (incluindo as crianças) e responsáveis, no caso das crianças. Além disso, a gravação das entrevistas, que tinha a finalidade de possibilitar a posterior transcrição literal e análise das mesmas, foi informada e feita com o consentimento prévio deles/as e dos/as responsáveis, no caso das crianças.

É importante ressaltar também que a pesquisa só foi realizada após a análise e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro universitário de Brasília (CEP UniCEUB), através de um parecer emitido por este (Anexo A). A pesquisa foi custeada pela própria pesquisadora.

4.4 Procedimentos de análise

Uma vez realizada a pesquisa de campo com os/as participantes/as, as entrevistas foram transcritas e o conteúdo foi analisado através do método de análise de conteúdo

temática. Este método, segundo Bardin (1979 citado por Gomes, 2010) “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação (...)” (p. 87). Ou seja, foram construídas categorias analíticas temáticas de acordo com aquilo que foi abordado por cada um/a dos/as participantes, com base nas temáticas e objetivos focalizados neste trabalho.

As categorias analíticas temáticas construídas após a transcrição das entrevistas foram: (a) estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de crianças; (b) estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de psicólogos/as clínicos/as; e (c) representações visuais acerca dos estereótipos de gênero (desenhos).

Ademais, considera-se importante ressaltar que além das informações construídas nas entrevistas realizadas com todos/as os/as participantes, os desenhos produzidos pelas crianças também foram objeto de análise deste trabalho. Para a análise dos desenhos, foram utilizadas algumas contribuições de Vigotski (2009).

5. Resultados e Discussão

Nesta seção, será apresentada a análise das informações construídas a partir das entrevistas, que foi orientada pelas categorias analíticas temáticas também construídas, conforme já mencionado.

5.1 Estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de crianças

Ao analisar as entrevistas com as três crianças participantes da pesquisa de campo, é possível observar que existiram alguns pontos de convergência bastante interessantes. Um deles foi o fato de que no discurso de todas elas existe uma mescla entre a concordância e o questionamento dos estereótipos tradicionais associados à masculinidade e à feminilidade, ainda muito difundidos na nossa sociedade, que estão ligados não só às diferenças anatômicas, que claramente existem, mas principalmente aos papéis culturais associados à “atividade” do homem e a “passividade” da mulher (Parker, 1991).

Além destes papéis que apresentam uma gênese cultural, é importante destacar também a relação social de dominação entre homens e mulheres a que se refere Bourdieu (2005). Segundo o autor, em nossa sociedade a divisão entre o masculino e o feminino parece estar “na ordem das coisas”, como se fosse uma “coisa” natural e inevitável, e está presente em estado objetivado nas “coisas”, no mundo social e incorporada nos corpos de homens e de mulheres, orientando a percepção, o pensamento e a ação.

Um exemplo que poderia exemplificar esta mescla é que enquanto a participante Jade estava produzindo o desenho solicitado pela pesquisadora, esta lhe perguntou se ela já estava terminando. Prontamente, a participante respondeu: *“Tô quase. Você não espera a realza?”*. Juntando-se isso ao fato de que ela diz que gosta muito de ser princesa e que não gostaria de

ter um arco e uma flecha como a personagem Merida do filme “Valente”, fica clara a identificação da criança com as princesas mais “tradicionais” como Aurora (“A Bela Adormecida”) e Bela (“A Bela e a Fera”).

Estas princesas, por sua vez, são representações claramente influenciadas pelo dispositivo amoroso a que se refere Navarro Swain (2008). Ambas ilustram a representação da mulher a que a autora se refere: “(...) doce, amável, devotada (incapaz, fútil, irracional, todas iguais!) e, sobretudo, amorosa” e que “(...) dobra seus corpos às injunções da beleza e da sedução, guia seus pensamentos, seus comportamentos na busca de um amor ideal, feito de trocas e emoções, de partilha e cumplicidade” (p.10). O amor diz respeito à identidade das mulheres, assim como o sexo diz respeito à identidade dos homens (Zanello, 2018; Navarro Swain, 2011, citada por Zanello, 2018).

Navarro Swain (2011, citada por Zanello, 2018) aponta que “(...) o dispositivo amoroso constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificarem por amor a outrem” (p. 83), e este está diretamente ligado com “ser mulher”, de acordo com as expectativas sociais baseadas nos estereótipos associados ao feminino. Ou seja, o dispositivo amoroso contribui muito para a “dissemelhança” entre os papéis feminino e masculino: não se trata apenas de lugares e espaços de subjetivação distintos, mas também de implicações identitárias diferenciadas, marcadas pela assimetria de investimentos (Zanello, 2018).

Por outro lado, através de seu desenho, Jade diz que o final que gostaria para a história da personagem Merida, do filme “Valente”, é que ela fosse rainha e arqueira. Ou seja, ela atenderia a vontade de seus pais e manteria a tradição da família sendo rainha de seu reino, mas, ao mesmo tempo, faria o que gosta e seguiria seu coração sendo arqueira. Isso mostra certo questionamento por parte de Jade do papel de passividade culturalmente associado à mulher, uma vez que para poder ser arqueira como gostaria, a personagem teria que questionar a tradição de sua família e de seu povo e tomar a decisão de seguir sua própria

vontade. Mas ainda assim teria que ceder, em parte, ao assumir o reinado – ou seja, uma mescla entre questionamento e concordância em relação aos estereótipos tradicionalmente ligados à feminilidade.

Sobre essa mescla, Madureira (2010) esclarece que as identidades sociais são construídas e, continuamente, reconstruídas no cotidiano a partir de memórias coletivas que articulam presente, passado e possíveis projeções para o futuro, como um “terreno compartilhado” pelos grupos sociais.

Ainda sobre Jade, considera-se bastante significativo o comentário espontâneo dela sobre a sua expectativa a respeito da roupa da pesquisadora. Em meio à entrevista, ela disse que achava que esta fosse de vestido e, ao ser questionada sobre o porquê, disse que era por que achava que esta fosse pequena e que ela (a pesquisadora) é muito alta. Isto mostra a associação que ela faz entre a feminilidade e o vestuário, sendo vestidos e saias peças culturalmente consideradas femininas em diversas sociedades, incluindo a nossa.

Além disso, a criança estava de vestido no momento da entrevista, o que nos faz pensar também na hipótese de certa busca por identificação com a pesquisadora – aspecto que poderia ser associado à criação/manutenção do vínculo ou ao fato de que é bastante comum no universo feminino, em diversas sociedades, as mulheres fazerem comparações entre si. Apesar de ser apenas uma criança, esta hipótese baseia-se no fato de que Jade tem muitas tias e que estas parecem conviver bastante com ela, uma vez que no dia da entrevista eram elas e a avó da participante que estavam cuidando dela. Ou seja, é possível que ela veja as tias, mãe e avó agindo desta forma e, por serem pessoas de forte identificação para a criança, imite este comportamento.

A respeito da altura, Bourdieu (2005) discute que existe a expectativa social de que o homem seja mais alto que a mulher, uma vez que a altura é considerada um signo da “hierarquia sexual” presente em diversas culturas – por serem homens, estes são

supostamente “superiores” às mulheres, tanto pela diferença anatômica dos corpos e dos órgãos genitais, que é indiscutível, mas principalmente pelos significados a eles atribuídos e pelos papéis sociais associados a um e a outro (Bourdieu, 2005). Tendo em vista a esta suposta “superioridade” associada à masculinidade, Bourdieu (2005) esclarece:

É esperado (...) que o homem ocupe, pelo menos aparentemente e com relação ao exterior, a posição dominante no casal, é por ele, pela dignidade que nele reconhecem *a priori* e querem ver universalmente reconhecida, mas também por elas próprias, para sua própria dignidade, que elas só podem querer e amar um homem cuja dignidade esteja claramente afirmada e atestada no fato, e pelo fato, de que ‘ele as supera’ visivelmente (p. 48).

O mesmo autor acrescenta ainda que, além da altura, o outro signo (“marca”) mais reconhecido por todos é a idade, sendo estes dois justificados e considerados como indicadores de garantia de segurança e de maturidade (Bourdieu, 2005). Ambos vão de encontro com o fato de Jade dizer que achava que a pesquisadora fosse “menor” (o que pode ser interpretado tanto como “mais baixa” quanto como “mais nova”) e que esta é muito alta. Ou seja, há uma “simbologia do poder” presente, de modo profundo, nas relações entre homens e mulheres.

Já na entrevista de Laís, foi interessante observar que ela conseguiu fazer associações entre as personagens e as histórias dos trechos dos filmes apresentados. Por exemplo, ao ser perguntada se ela achava que Merida (do filme “Valente”) precisava se casar para ser rainha do seu reino ela respondeu que Elsa (do filme “Frozen”) não precisou se casar para ser rainha. Laís reparou também que tanto Aurora (do filme “A Bela Adormecida”) quanto Anna e Elsa (do filme “Frozen”) perderam suas mães em suas respectivas histórias.

Em relação a isso, deve-se levar em consideração que a maternidade é um papel exclusivamente feminino e uma das associações mais presentes na nossa sociedade é a da feminilidade com a maternidade. A subordinação das mulheres, nesse sentido, diz respeito à identificação total entre corpo e função social, ou seja, capacidade de procriar e maternar (Zanello, 2018). O amor materno é, supostamente, “espontâneo”, “diferente de todos os outros” e o “maior de todos” (Zanello, 2018).

Dentre as três participantes, Laís foi também a única a dizer que não gostaria de ser uma princesa como Merida e a questionar incisivamente as “imposições” que a família da personagem fazem na história para que ela se case e se transforme em rainha, principalmente sua mãe. Ela deixa claro que não acha legal que os pais imponham sua vontade sobre a filha e que não gostaria de ser uma princesa como ela “(...) porque eu teria que ter essa mãe que fala: *“Faz isso, isso e aquilo. Tarara, tarara, tarara..”*. O que ela diz não achar nem um pouco legal. Ainda segundo a participante, “ (...) *as pessoas têm que fazer o que elas querem. Por causa disso que você acabou de me falar. Não é a mãe ou o pai que decidem! ‘-Ah! Você tem que fazer essa profissão ou aquela’. A escola ensina pra você decidir o que você quer fazer de profissão*”.

Nos dois trechos da entrevista, no desenho produzido por Laís e em outros momentos da entrevista, fica bastante clara a flexibilidade de pensamento e a proatividade que ela possui, além dos questionamentos a estes estereótipos de gênero mais “tradicionais”. Ela não gostaria de ser uma princesa, de ter a vontade de seus pais imposta a si mesma, de ter uma mãe que fizesse isso e demonstra ter a percepção de certa linearidade nos papéis das princesas ao comentar que acha que Merida não pode ser arqueira como gostaria “(...) *porque a mãe impede sempre e ela é uma princesa!!! E princesas, vocês nunca viram um filme que as princesas usam arco e flecha*”.

Laís demonstra também ter flexibilidade e proatividade na resolução de problemas quando, ao ser perguntada se Merida poderia ser rainha de seu reino e arqueira, responde:

“Laís: Uai! Ela poderia! Você tem uma parte pra ser arqueira e uma parte pra governar! Você não precisa ficar assim parada no trono : ”Eu, tarara, tarara, tarara...”. Não!

Pesquisadora: Então poderia?

Laís: Ela podia fazer o que ela quer, mas, ao mesmo tempo ficar meia horinha fazendo o que a mãe dela quer. Ótimo!”.

Outra questão interessante que merece ser destacada é que, após a apresentação das cenas selecionadas do filme “A Bela e a Fera”, Laís fez algumas considerações a respeito da masculinidade por conta do personagem Gastão. Ao ser questionada pela pesquisadora sobre o que achava sobre as pessoas da vila em que Bela mora pensarem que ela deveria deixar os livros de lado para prestar mais atenção no Gastão, rapaz bastante cobiçado pelas demais mulheres da vila, que interessa-se em casar com ela, Laís disse que é “(...) *porque, normalmente as pessoas gostam de pessoa forte. É... porque querem ser amigas. Completamente não! Querem aparecer mais, querem que o Gastão se case com aquela pessoa, ou tal, tal, tal. Mas a Bela não quer!”*. A participante complementa ainda que acha que ele podia “ser amigo”.

Em sua fala, Laís expressa o aspecto da promessa do poder, que pode ser moral, físico, temperamental, econômico, social, sexual e outros que se espera do homem a partir dos estereótipos associados ao masculino a que Berger (1980) se refere. Poder este que está presente também nas relações hierárquicas, que tem um papel central nas sociedades pré-modernas (Segato, 2003 citada por Madureira, 2010), e estão ligadas ao status atribuído aos

seus membros e à ênfase dada à manutenção da tradição e da coesão grupal a partir do respeito às hierarquias sociais vigentes (Segato, 2003, citada por Madureira, 2010).

Por outro lado, vê-se um questionamento por parte da participante quando esta discorda veementemente do fato de as pessoas gostarem e quererem ser amigas de pessoas fortes e, quando diz que acha que ele deveria ser amigo. Segundo ela, não é legal o fato de Gastão e LeFou, seu amigo e comparsa, ficarem rindo e chamando o pai de Bela de “louco” pelas costas dela e, por esta razão, Gastão deveria “ser amigo”.

Ao final de sua entrevista, Laís comentou também, espontaneamente, que considera impossível que alguma criança do segundo ano (ou seja, da sua idade e do seu ano) não conheça alguma das princesas mostradas nos trechos das animações exibidos pela pesquisadora. Segundo ela, apesar de nem todas gostarem, não tem uma única amiga que não as conheça. Este é mais um indicativo da popularidade e do alcance já mencionados dos filmes infantis. Cabe mencionar também os números das bilheterias⁶ dos filmes selecionados para esta pesquisa, fica ainda mais claro: “A Bela Adormecida” (1959) arrecadou \$523 milhões de dólares (valor atualizado); o filme “Valente” (2012) arrecadou \$540,4 milhões de dólares; “A Bela e a Fera” arrecadou \$347 milhões de dólares na época do lançamento de sua versão original (1991) e mais de \$1 bilhão de dólares na nova versão de 2017; e “Fronzen” (2013) arrecadou \$1,219 bilhões de dólares.

Diante do exposto, conclui-se, então, que todas as crianças que participaram da pesquisa (que são todas meninas) expressaram certos questionamentos a respeito dos estereótipos de gênero “engessados” mencionados anteriormente, em diferentes aspectos e níveis, mas que também, por outro lado e em outros aspectos, ainda é possível observar certa concordância e aceitação destes através das identificações feitas por elas. Veremos a seguir

⁶ Dados acessados em 19/06/18.

que isto vai de encontro à percepção e ao discurso dos psicólogos/as clínico/as infantis entrevistados/as.

5.2 Estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de psicólogos/as clínicos/as

Assim como nas entrevistas com as crianças, nas entrevistas com os/as psicólogos/as clínicos/as houve também alguns pontos de convergência interessantes. Como já mencionado, todos/as eles/as trouxeram em seus discursos a percepção de que já existe uma mudança tanto das representações do feminino e do masculino nos filmes infantis mais recentes quando de um movimento de questionamento das representações mais “tradicionais”. Mas, todos/as eles/as concordam também que ainda é um início de mudança e que existem outros fatores que contribuem muito para a reprodução dos estereótipos tradicionais e mais “engessados”.

A respeito destes fatores, eles/as comentam que a família e a escola são os que mais influenciam a criança. Tendo em vista que a geração dos pais da maior parte das crianças que eles atendem hoje ainda teve uma criação muito pautada no patriarcado, a educação e os exemplos que dão para seus filhos/as também tem muito desta influência. A escola, por sua vez, é também um espaço de socialização importante e, portanto, também pode-se dizer que influencia neste sentido.

A respeito do patriarcado, a autora Safiotti (2004) esclarece:

O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. (...) o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que

situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito (p. 136).

Todos/as os/as psicólogos/as entrevistados/as concordam que os filmes infantis também influenciam na construção da subjetividade e na percepção das crianças a respeito dos papéis feminino e masculino e, por isso, fazem uso deste recurso no *setting* terapêutico. Sempre levando em consideração a demanda de cada paciente, todos/as eles/as acreditam ser um dos recursos mais ricos para trabalhar determinadas questões na psicoterapia infantil. Também por isso, todos/as consideram importante que psicólogos/as clínicos/as infantis estejam atentos ao que as crianças estão assistindo e o que está “em alta” para que possam acompanhar e trabalhar o que aparecer em terapia neste sentido.

Todos/as eles/as acreditam que a forma como estes filmes influenciam na construção da subjetividade e na percepção dos papéis de gênero é diferente para meninos e meninas. O que a experiência dos três tem mostrado é que as meninas têm se identificado mais com papéis de destaque que vão na contramão dos estereótipos de gênero tradicionais que vinham sendo apresentados até então, por exemplo o de Merida (do filme “Valente”). Eles percebem um “empoderamento” maior por parte delas e acreditam que seja porque a feminilidade tem sido representada de outra forma: ocupando papéis de maior destaque, de maior independência e autonomia e saindo um pouco do papel de passividade para assumir o de atividade. Mesmo que de forma gradual e lenta, eles/as acreditam que é uma mudança que já está acontecendo.

Os meninos, por sua vez, na percepção de Túlio e de Rafaela, tem se mostrado inseguros com esta mudança e este “empoderamento” das meninas. Túlio acredita que seja porque, em termos históricos e culturais, os homens não estão acostumados a ver as mulheres

neste papel, justamente pela estrutura patriarcal em que estamos inseridos/as (Berger, 1980; Bourdieu, 2005; Madureira, 2010; Parker, 1991; Safiotti, 2004; Sawaia, 2014; Zanello, 2018), e, por ser um fenômeno novo, acaba gerando insegurança e retração.

Ambos atribuem isso também ao fato de que os desenhos e filmes mais direcionados ao público masculino continuam com a representação da masculinidade baseada nos estereótipos tradicionais, como os heróis, que fazem uso da força e de seus poderes para impor o que consideram certo. Além disso, os personagens que fogem desse tipo de representação costumam ser secundários e, mesmo quando são principais, acabam se perdendo nas inúmeras outras vezes que o masculino é representado de acordo com os estereótipos tradicionais a ele associados.

Em sua entrevista, Túlio comentou que tem uma filha e que se surpreendeu com a escolha da turma dela, que é majoritariamente composta por meninos, para o tema da apresentação de formatura da escola: o filme “Moana”. Apesar de ter uma mulher como protagonista, a personagem ser bastante empoderada, proativa, questionar o título de “princesa” que tentam lhe atribuir e do homem ter um papel de fato secundário na história, foi a escolha da maior parte da turma. No entanto, um dos alunos se recusou a participar porque disse que o tema escolhido era “coisa de menina”.

Augusto, por sua vez, também aborda uma questão importante e bastante presente em nosso cotidiano: segundo ele, muitos pais levam os filhos meninos para o consultório por conta do medo de uma possível homossexualidade da criança. Os pais costumam ter essa “desconfiança” quando o filho foge dos estereótipos tradicionais associados ao masculino e tem características comumente mais associadas aos estereótipos vinculados ao feminino, como a sensibilidade, a doçura, a amabilidade e a amorosidade (Bourdieu, 2005; Navarro Swain, 2008), ou o fato de gostarem de brincadeiras consideradas “de menina”, por exemplo.

E o medo, segundo ele, costuma estar associado ao fato de ser uma sociedade extremamente violenta em relação à população LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e *queer*). Fato que pode ser constatado através dos seguintes dados: em 2017, a cada 19 horas uma pessoa LGBTQ foi morta⁷ e, em 2016, o Brasil liderou o ranking mundial de assassinatos de transexuais⁸. Ou seja, em nossa sociedade de fato ainda existe, infelizmente, muito preconceito em relação àqueles/as que são considerados/as “desviantes”, tanto em relação aos estereótipos de gênero quanto à orientação sexual por conta do sistema binário de gênero e da heteronormatividade presumida.

Com isso, é possível observar que as representações dos papéis de gênero nestes filmes geram, de fato, identificações significativas tanto para os meninos quanto para as meninas e que são um caminho para modificar a percepção das crianças a este respeito e estimular questionamentos nesse sentido. Dessa forma, poderemos avançar na construção de um novo tipo de relação entre homens e mulheres: uma relação de parceria. Até então, historicamente em nossa sociedade as relações que vem sendo constituídas são, em sua maioria, de mando e obediência, em que uma figura de poder (comumente atribuída ao homem) exerce sua influência e seu poder sobre uma figura de passividade e obediência (comumente atribuída à mulher) (Bourdieu, 2005; Parker, 1991).

5.3 Representações visuais acerca dos estereótipos de gênero (desenhos)

Ainda a respeito das entrevistas realizadas com as crianças, de acordo com a metodologia utilizada na presente pesquisa, ao final de todas elas foi solicitado que cada uma

⁷ Via site “Catraca Livre”. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/>. Acessado em 04/06/18.

⁸ Via site “Correio Braziliense”. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>. Acessado em 04/06/18.

das crianças fizesse um desenho representando como elas gostariam que fosse o final de uma das histórias dos filmes mostrados no decorrer da entrevista (“A Bela Adormecida”, “Frozen”, “A Bela e a Fera” e “Valente”).

Foi bastante interessante observar que antes da pesquisadora mencionar que esta atividade seria realizada, as três participantes manifestaram o desejo de desenhar. Quando a pesquisadora explicou que isso aconteceria ao final da entrevista, ficaram ansiosas por este momento. Desta forma, observa-se que o desenho é, de fato, uma das formas de expressão mais efetivas da criança. De acordo com Vigostki (2009), “(...) o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade” (p. 17), sendo que “a psicologia denomina de imaginação ou fantasia essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro” (p. 14).

Ao analisar os desenhos produzidos (Anexo B), é possível observar também que dois deles apresentam certo destaque em temas que não são focados nas histórias escolhidas por Laís e Yana (“A Branca de Neve” e “A Bela e a Fera”, respectivamente): frutas e animais.

É importante comentar que Laís disse adorar comer frutas e Yana adora animais, tendo inclusive mencionado que quando for adulta quer ter um *petshop*. Ou seja, suas preferências pessoais foram incorporadas e destacadas nos finais que elas gostariam que as histórias contadas nos filmes tivessem. Sobre isso, Vigotski (2009) explica que:

(...) a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela (p. 22).

Isso quer dizer que estes temas, provavelmente, fazem parte de experiências cotidianas já vivenciadas anteriormente por elas, o que pode ser observado através do fato de Yana ter diversos animais de estimação e de sua mãe ser veterinária, por exemplo.

Além da influência direta das experiências anteriores na atividade de imaginação e criação, acredita-se também na hipótese de que a experiência de assistir as cenas dos filmes selecionados no decorrer da entrevista tenham estimulado essas funções, mesmo que as três crianças já tivessem assistido a maior parte dos filmes anteriormente. Isso porque, conforme explica Vigotski (2009), quando produzimos desenhos, escrevemos ou fazemos alguma atividade seguindo um modelo, produzimos a partir do que existe diante de nós ou do que elaboramos e assimilamos antes. O que quer dizer que é partir do trabalho e das ideias dos outros (portanto, do que já existe) que podemos criar e produzir o novo (Vigotski, 2009).

Considera-se significativo destacar também a independência e a autonomia demonstradas por Yana em seu desenho, outro fator que exemplifica o questionamento dos estereótipos tradicionalmente associados às mulheres. Ela gostaria que o final do filme “A Bela e a Fera” fosse que Bela se mudasse para a floresta para morar sozinha em uma casa com muitos bichos, como gatos, cachorros e corujas. Ou seja, além de não se casar nem com Gastão e nem com a Fera, ela deixaria de morar com o seu pai, assumiria sua independência e autonomia e iria morar sozinha com seus animais de estimação.

Tendo em vista que a maior parte dos produtos culturais direcionados ao público feminino (inclusive os filmes de princesas, por exemplo) defende é a ideia de que encontrar um homem e se casar são as coisas mais importantes que pode lhes acontecer na vida e que eles devem ser os centros organizadores das suas vidas (Zanello, 2018), a representação da autonomia e da independência femininas no desenho de Yana é, portanto, extremamente significativa.

Jade, por sua vez, escolheu a história do filme “Valente” para a produção de seu desenho. Merida é uma personagem que possui cabelos ruivos, cacheados e bastante volumosos e foi justamente um dos destaques do desenho da participante. Apesar de sua Merida desenhada também possuir uma parte dos cabelos penteados, lisos e com uma coroa como enfeite, a outra é bastante volumosa, cacheada e rebelde.

O cabelo, que é uma característica feminina marcante, é uma das preocupações relacionadas à aparência e à estética mais frequentes no universo feminino. De acordo com os estereótipos femininos “tradicionais”, conforme já mencionado anteriormente, é preciso ter o ‘corpo perfeito’: a mulher deve ser magra, jovem, esticada, linda, loura, marombada e bela (Novaes, 2011). E para alcançá-lo, portanto, é preciso que características como a gordura, a velhice e o cabelo ‘ruim’ (expressão que demonstra racismo, conforme mencionado anteriormente), por exemplo, sejam eliminadas ou atenuadas ao máximo, inclusive com procedimentos médicos/estéticos se for preciso (Novaes, 2011).

É interessante observar, ainda, que as três participantes, em seus desenhos, representaram as personagens femininas de vestido. A roupa, de certa forma, assegura uma espécie de confinamento simbólico a que as mulheres costumam se submeter: a forma que estas devem ocupar o espaço, caminhar e as posições corporais convenientes que devem adotar (Bourdieu, 2005). Este tem por efeito dissimular o corpo e chamá-lo continuamente à ordem (como as vestes dos padres), inclusive sobre a posição adequada das pernas – fechadas e/ou cruzadas (Bourdieu, 2005). Segundo o autor, apesar das roupas femininas atualmente serem mais diversificadas, a atitude moral e a contenção que convêm às mulheres continuam a lhes ser impostas, ainda que não mais (necessariamente) através das roupas.

Diante disso, é possível destacar a importância da utilização de recursos imagéticos como filmes, produção de desenhos e outros quando se pretende trabalhar e interagir com crianças, independente da faixa etária. Isso é válido no trabalho de educação formal da escola e

dos/as professores/as, no trabalho de criação e educação dos pais e da família e na interação de psicólogos/as, inclusive clínicos/as, com elas, independente do contexto em que este trabalho será realizado (consultório, escola, hospital ou outros).

Conclusão

Diante da discussão desenvolvida no presente trabalho, tanto em termos teóricos quanto em termos das informações construídas na pesquisa de campo, é possível constatar que, apesar de já existir uma mudança nos paradigmas associados aos estereótipos de gênero, ainda existe um longo caminho a ser percorrido na busca por uma sociedade mais igualitária.

Para que esse objetivo seja alcançado, fica clara a importância, em primeiro lugar, da busca pela construção de novas formas de relacionamento entre homens e mulheres. Até então, o que observamos é que as relações que vêm sendo construídas são, muitas vezes, relações de mando e obediência. Com o empoderamento e a autonomia que vem sendo conquistados pelas mulheres, cada vez mais, é preciso que relações de parceria sejam estabelecidas.

Para que façamos parte de uma sociedade mais igualitária, é preciso que homens e mulheres sejam parceiros/as, que todos/as nós valorizemos mais a diversidade e que nos respeitemos mais uns/umas aos/às outros/as. Conforme já mencionado, as desigualdades entre homens e mulheres são apenas uma das formas de preconceito presentes em nossa sociedade atualmente, em meio a tantas outras que são tão importantes quanto essa de serem combatidas.

Conforme constatado na pesquisa realizada no presente trabalho, os filmes infantis são, de fato, uma importantíssima tecnologia de gênero, uma vez que “(...) elas não são, portanto, apenas a representação desse sistema de diferenças, mas também a produção delas” (Zanello, 2018, p. 46) e que “(...) além de interpelar performances, constitui-se em uma pedagogia dos afetos, uma colonização afetiva” (p. 47).

Isso denota que é indispensável que pais, responsáveis, psicólogos/as e educadores/as estejam atentos/as ao que as crianças estão assistindo incentivando o diálogo e, assim,

estimulando o questionamento dos estereótipos de gênero tradicionalmente associados tanto às mulheres quanto aos homens.

Além disso, fica clara também a efetividade da utilização de recursos imagéticos como filmes, bem como a produção de desenhos na interação com as crianças. Estes são recursos que podem ser utilizados em diversos contextos (consultório, escola, hospital ou outros) e para diversas finalidades: como ferramenta terapêutica, como instrumento de pesquisa, como auxílio no processo de aprendizagem e de educação, como estímulo para o diálogo e, naturalmente, como lazer.

Como ferramenta terapêutica, mais especificamente, estes recursos podem ser utilizados com o intuito de trazer à tona determinados temas para reflexão e diálogo no contexto terapêutico, de possibilitar a identificação da criança com determinada história e/ou personagem e de auxiliá-la a expressar-se, por exemplo através da produção de desenhos.

Em determinados casos, pode acontecer também da própria criança falar sobre determinado filme, história, personagem ou conto de fadas no contexto psicoterápico. O que pode e deve ser aproveitado pelo/a psicólogo/a clínico/a para trabalhar e aprofundar nas questões relativas à forma como este filme, história, personagem ou conto de fada tocaram aquela determinada criança.

Para a realização de pesquisas futuras neste campo, considera-se importante diversificar mais o grupo de participantes: no caso das crianças, incluir também participantes meninos e outras cenas de filmes, e, no caso dos psicólogos/as, incluir também participantes de outras abordagens teóricas, além da Junguiana.

Tendo em vista a importância e a vastidão do tema dos estereótipos de gênero no cinema infantil dentro do campo da Psicologia, é importante ressaltar a relevância da realização de outras pesquisas e trabalhos com o intuito de aprofundar algumas questões já

levantadas, além de investigar e discutir outras possibilidades, em termos teóricos e metodológicos, no que se refere à temática focalizada nesse trabalho.

Dessa forma, ressalta-se também a importância de que o tema explorado seja aprofundado para o surgimento de novas contribuições teóricas e práticas para os/as profissionais, não só da Psicologia, como também de outras áreas que trabalham com crianças e que podem se beneficiar das pontes que ainda podem vir a ser construídas neste sentido, que possibilitarão o surgimento de questões enriquecedoras nas diferentes áreas do conhecimento a partir da realização de novas pesquisas.

Referências Bibliográficas

- Àries, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Aun, H. (2017). *Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo: 1 a cada 19 horas*. Retirado de <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/brasil-mais-mata-lgbts-1-cada-19-horas/>.
- Berger, J. (1980). *Modos de ver*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bettelheim, B. (2016). *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra.
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bruner, J. (1996). *Cultura da educação*. Lisboa: Edições 70.
- Cavalcante, T. (2016). *Celular é principal meio de acesso à Internet do Brasil, mostra IBGE*. Retirado de <http://www.jornalfloripa.com.br/geral/NOTICIA/celular-e-principal-meio-de-acesso-a-internet-no-brasil-mostra-ibge/>.
- Correia, M. F. B. (2003). A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Brune e construção de significados. *Estudos de Psicologia*, 8 (3), 505-513.
- Correio Braziliense, Especiais Correio Brasiliense. *Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais: segundo ONG europeia, em nenhuma outra nação há tantos registros de homicídios de pessoas transgêneras*. Retirado de <http://especiais.correiobrasiliense.com.br/brasil-lidera-ranking-mundial-de-assassinatos-de-transexuais>.
- Corso, D. L. e Corso, M. (2006). *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Corso, D. L. e Corso, M. (2011). *A Psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Ferrari, P. (2017). *Coisa de menina*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

- Ferrari, P. (2017). *Coisa de menino*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- Galinkin, A. L. e Zauli, A. (2011). Identidade social e alteridade. Em Torres, C. V., Neiva, E. R. e colaboradores (Org.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 253-251). Porto Alegre: Artmed.
- Gomes, S. F. D. R. (2010). Análise e interpretação de dados da pesquisa qualitativa. M. M. C. S. (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 79-108). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Haffenden, V. e Publifolinha (2013). *Cinema para crianças: entre no admirável universo de filmes, animações, diretores, atores e personagens da sétima arte*. São Paulo: Publifolinha.
- IBGE, Síntese de Indicadores Sociais 2012. *Violência contra a mulher*. Retirado de <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/2822-violencia-contra-mulher>.
- Kemp, P. (2011). *Tudo sobre cinema*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Lauretis, T. D. (1987). *Technologies of gender: Essays on Theory, film, and fiction*. Bloomington: Indiana University Press.
- Linkedin, Página do perfil de “The Walt Disney Company”. Retirado de <https://pt.linkedin.com/company/the-walt-disney-company> .
- Loponte, L. G. (2002). Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. *Estudos feministas*, 10 (2), 283-300.
- Louro, G. L. (1998). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Madureira, A. F. A. (2010). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito. A. L. G. e C. S. (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces*. Brasília: Technopolitik.
- Madureira, A. F. A. (2012). Psicologia do Desenvolvimento Humano. Em S. V. O. C. Lameirão & E. N. Carvalho (Orgs.), *Seminários Integradores – SINT (Coleção: Diálogos Interdisciplinares)*, (pp. 39- 97). São Paulo: Acquerello.
- Madureira, A. F. A. e Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia da SBP*, 9 (1), 63-75.
- Minayo, M. C. S. (2010). O desafio da pesquisa social. M. M. C. S. (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-29). Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Monteiro, C. e Zanello, V. (2014). Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney. *Revista Feminismos*, 2 (3), 36-44.
- Moreira, J. O., Romagnoli, R. C. & Neves, E. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 27 (4), 608-621.
- Morin, E. (2014). *O cinema ou o homem imaginário: ensaio de Antropologia Sociológica*. São Paulo: É Realizações Editora.
- Navarro Swain, T. (2008). Entre a vida e a morte, o sexo. *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Mulheres.
- Novaes, J. V. (2011). Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. Em M. D. P. e M. A. (Orgs), *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp.
- Parker, R. G. (1991). *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo: Editora Best Seller.
- Sabat, R. R. (2001). *Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?* Retirado de <24reuniao.anped.org.br/T0747566718868.doc>

- Safiotti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação.
- Sales, R. (2015). *IBGE: TV por assinatura chega a quase um terço dos domicílios no país*. Retirado de <<http://www.valor.com.br/brasil/4027358/ibge-tv-por-assinatura-chega-quase-um-terco-dos-domicilios-no-pais>>
- Santaella, L. (2012). *Leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Sawaia, B. B. (2014). Identidade – Uma ideologia separatista? Em B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 121-129). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Site “Adoro Cinema”. *A Bela e a Fera: Curiosidades, bastidores, novidades, e até segredos escondidos de A Bela e a Fera e da sua filmagem!* Retirado de <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-7229/curiosidades/>>.
- Site “Globo”. *‘A bela e a fera’ arrecada US\$1 bilhão e se consolida como maior bilheteria de 2017: Filme também já é maior arrecadação de musical com atores da história*. Retirado de <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/a-bela-e-a-fera-arrecada-us-1-bilhao-e-se-consolida-como-maior-bilheteria-de-2017.ghtml>> .
- Site “Globo”. *Bilheteria de ‘Frozen’ é a quinta maior da história do cinema: Animação da Disney ultrapassou ‘Homem de Ferro 3’ no fim de semana. No Japão, filme já é o quarto mais lucrativo de todos os tempos*. Retirado de <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/05/bilheteria-de-frozen-e-quinta-maior-da-historia-do-cinema.html>>.
- Site “Mega Curioso”. *Os maiores e os menores sucessos de bilheteria da Pixar*. Retirado de <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/105422-os-maiores-e-os-menores-sucessos-de-bilheteria-da-pixar.htm>> .

Site “Super Interessante”. *As maiores bilheterias de todos os tempos: Não se iluda com os recordes recentes: com o ingresso a US\$10, qualquer filme veloz e furioso vira blockbuster. Conheça os verdadeiros campeões, com bilheterias ajustadas pela inflação.* Retirado de <<https://super.abril.com.br/cultura/as-maiores-bilheterias-de-todos-os-tempos/>> .

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida.*

Tradução de Ana Cecília de Sousa Bastos. Porto Alegre: Artmed.

Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico.* São Paulo: Editora Ática.

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. T. T. S. (Org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 7-72). Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.* Curitiba: Editora Appris.

Apêndices

A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os psicólogos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE
Estereótipos de gênero no cinema infantil
Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Pesquisadora assistente: Raissa Seabra de Carvalho
Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo é investigar a percepção de crianças, na faixa etária entre 7 e 9 anos, e de psicólogos(as) clínicos(as) acerca dos estereótipos de gênero partir de filmes infantis.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada em um local de sua conveniência.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista.
- Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não existem respostas certas ou erradas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente Raissa Seabra de Carvalho, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61)3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisadora Responsável: Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755 – E-mail: madureira.ana.flavia@gmail.com

Pesquisadora assistente: Raissa Seabra de Carvalho,
Celular: (61) 99118-7385 – E-mail: raissaseabrac@gmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1201

B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os responsáveis pelas crianças

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE
Estereótipos de gênero no cinema infantil
Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Pesquisadora assistente: Raissa Seabra de Carvalho
Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração dele(a) neste estudo será de muita importância para nós, mas se você ou ele(a) desistir(em) a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja que ele(a) participe (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida permitir que ele(a) participe, você será solicitado(a) a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo é investigar a percepção de crianças, na faixa etária entre 7 e 9 anos, e de psicólogos(as) clínicos(as) acerca dos estereótipos de gênero a partir de filmes infantis.
- Seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- A participação dele(a) consiste em participar de uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual, com a apresentação de cenas de filmes de animação previamente selecionadas. E ao final, será solicitado que ele(a) faça um desenho de sua escolha relacionado com uma das cenas apresentadas.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada em um local de sua conveniência.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista.
- Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não existem respostas certas ou erradas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, seu filho(a) não precisa realizá-lo.
- A participação dele(a) poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada

sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- A participação dele(a) é voluntária. Vocês não terão nenhum prejuízo se não quiser(em) participar.
- Você poderá retirar seu filho(a) desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, vocês não receberão nenhum tipo de compensação financeira pela participação dele(a) neste estudo.

Confidencialidade

- Os dados dele(a) serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as informações dele(a) (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente Raissa Seabra de Carvalho, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar o nome dele(a), instituição a qual frequenta ou qualquer informação que esteja relacionada com a privacidade dele(a).

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone (61)3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente que meu filho(a) faça parte deste estudo. Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisadora Responsável: Ana Flávia do Amaral Madureira
 Celular: (61) 99658-7755 – E-mail: madureira.ana.flavia@gmail.com

Pesquisadora assistente: Raissa Seabra de Carvalho,
 Celular: (61) 99118-7385 – E-mail: raissaseabrac@gmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1201

C. Termo de Assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO

Título da pesquisa: Estereótipos de gênero no cinema infantil: o “olhar” de crianças e de psicólogos/as clínicos/as

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Profa. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira

Pesquisadora assistente: Raissa Seabra de Carvalho

Você sabe o que é assentimento? Significa que você concorda com algo. No caso desse documento, significa que concorda em participar dessa pesquisa.

Antes de decidir se quer ou não participar, é importante que entenda o estudo que está sendo feito e o que ele envolverá para você.

Apresentamos esta pesquisa aos seus pais ou responsáveis e eles sabem que também estamos pedindo sua concordância. Se você deseja participar, seus pais ou responsáveis também terão que concordar. Mas você é livre para fazer parte ou não desta pesquisa, mesmo se seus pais ou responsáveis concordarem. Não tenha pressa de decidir.

Também poderá conversar com seus pais, amigos ou qualquer um com quem se sinta à vontade para decidir se quer participar ou não, e não é preciso decidir imediatamente.

Pode haver algumas palavras que não entenda ou situações que você queira que eu explique de forma mais detalhada, porque ficou mais interessado(a) ou preocupado(a). Nesse caso, por favor, peça mais explicações.

Natureza, objetivos e procedimentos do estudo

- O objetivo deste estudo é entender o que as crianças com idades entre 7 e 9 anos e os/as psicólogos/as clínicos/as que atendem crianças pensam sobre a forma como os meninos e as meninas são representados nos filmes infantis.
- Você vai participar respondendo algumas perguntas sobre filmes infantis e fazendo um desenho.
- O que vai acontecer é que enquanto a gente estiver conversando, vou deixar gravando a nossa conversa no celular para eu não esquecer nada do que a gente conversou. Mas ninguém além de mim e da minha professora poderemos ouvir este áudio depois.
- Você não fará nada além do que estou explicando neste documento.
- A pesquisa será realizada no lugar que for combinado com os seus pais ou responsáveis.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação poderá ajudar que mais pessoas saibam sobre a forma como os meninos e as meninas são representados nos filmes infantis.
- Sua participação é voluntária, ou seja, você só participa se quiser e, de acordo com as leis brasileiras, não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo. Ninguém vai cobrar dinheiro de você ou de seus pais/responsável, ou vai tratá-lo/a mal se você não quiser participar.
- Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, bastando para isso falar

comigo.

- Conforme as normas brasileiras sobre as pesquisas com a participação de seres humanos, você não receberá dinheiro nem presentes pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados ficarão somente com as pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação do celular, seus dados pessoais e o desenho que você irá realizar) ficará guardado sob a minha responsabilidade (Raissa Seabra de Carvalho), com a garantia de que ninguém vai falar de você para outras pessoas que não façam parte desta pesquisa e será destruído assim que o trabalho for finalizado.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, sua escola, nome dos seus pais ou responsáveis ou qualquer informação que esteja relacionada com a sua privacidade.

Caso ocorram danos causados pela pesquisa, todos os seus direitos serão respeitados de acordo com as leis do país. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados.

Se quiser falar algo ou tirar dúvida sobre como será/está sendo tratado na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também envie um e-mail ou ligue para informar se algo estiver errado durante a sua participação no estudo.

Este Termo Assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra ficará com você.

Assentimento

Eu, _____, RG _____, (se já tiver o documento), fui esclarecido/a sobre a presente pesquisa, de maneira clara e detalhada. Fui informado/a que posso pedir novas informações a qualquer momento e que tenho liberdade de abandonar a pesquisa quando quiser, sem nenhum problema para mim. Tendo o consentimento do/a meu/minha responsável já assinado, eu concordo em participar dessa pesquisa. As pesquisadoras deram-me a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Participante

Ana Flávia do Amaral Madureira
Celular: (61) 99658-7755, E-mail: madureira.ana.flavia@gmail.com

Raissa Seabra de Carvalho
Celular: (61) 99118-7385, E-mail: raissaseabrac@gmail.com

D. Roteiro de entrevista para as crianças

1. Você gosta de assistir filmes? Por quê?
2. Qual tipo de filme você mais gosta de assistir? Por quê?
3. Quem escolhe os filmes que você assiste, você, seus pais ou vocês escolhem juntos?
4. Dos filmes que você já assistiu até hoje, qual você mais gostou? Por quê?
5. Dos filmes que você já assistiu até hoje, qual você não gostou? Por quê?
6. Se você pudesse ser uma personagem menina de algum filme, qual você seria? Por quê?
7. Se você pudesse ser uma personagem menino de algum filme, qual você seria? Por quê?
8. Se você pudesse mudar alguma coisa na história dele ou dela, o que você mudaria?
9. Como você quer ser quando for adulto(a)?
10. O que você quer fazer quando for adulto(a)?

Observação: Ao final da entrevista, será solicitado que a criança escolha um dos filmes cujas cenas foram previamente selecionadas pela pesquisadora e faça um desenho ilustrando como ela gostaria que fosse o desfecho da cena apresentada.

E. Cenas e filmes selecionados

1. Filmes:

➤ **Frozen: uma aventura congelante**

Anna, ao lado do príncipe Kristoff e sua rena, Sven, sai em busca de sua irmã Elsa, rainha do reino de Arendelle, cujos poderes congelantes o aprisionaram em um inverno eterno.

➤ **A Bela Adormecida**

A vilã Malévola fica morrendo de ciúmes após o nascimento da princesa Aurora, que cresce sob os cuidados e a proteção de três fadas. Em seu 16º aniversário, Aurora espeta o dedo em uma roca encantada e cai em um sono profundo sob o feitiço de Malévola e somente o príncipe Phillip pode derrotar o dragão cuspidor de fogo e despertá-la.

➤ **A Bela e a Fera**

Um príncipe cruel é transformado por uma feiticeira em uma fera. Para quebrar o feitiço, ele precisa conquistar Bela, uma amante dos livros e moradora de um vilarejo vizinho ao castelo, antes que caia a última pétala de uma rosa encantada.

➤ **Valente**

Como herdeira de seu reino, Merida deve seguir os costumes e tornar-se rainha, ao lado daquele que conseguir sua mão em um torneio de arco e flecha. Mas, com suas habilidades de arqueira e seu temperamento teimoso, ela decide trilhar seu próprio caminho e desafiar a tradição ancestral.

2. Cenas:

➤ Frozen x A Bela Adormecida

Em “A Bela Adormecida”, o amor verdadeiro é o do príncipe, e ele liberta Aurora da maldição do sono profundo. Em “Frozen”, por sua vez, o amor verdadeiro é o da irmã, Elsa, que é quem desfaz a maldição do congelamento de Anna.

Cenas:

- Frozen: 1h24min45seg até 1h27min55seg
- A Bela Adormecida: 1h10min50seg até 1h11min50seg

Perguntas para as crianças:

- Quais são as semelhanças e diferenças entre as cenas?
- Por que você acha que em “Frozen” foi a Elsa quem salvou a Anna, e não o príncipe (Kristoff) como em “A Bela Adormecida”?

➤ A Bela e a Fera

Bela é tida por toda a vila em que mora por uma moça “esquisita”, “diferente” e “metida a sabida” por gostar de ler. Além disso, o homem mais cobiçado da cidade, Gastão, quer se casar com ela por ser tão bela quanto ele. Mas, para isso, ele quer que ela deixe os livros de lado e foque nele. Na primeira cena, a vila canta uma música a descrevendo desta forma.

Na segunda, Gastão a chama para passear e diz que ela deve “afastar a cabeça dos livros e dar atenção a coisas mais importantes”, como ele, já que “não é direito uma mulher ler, porque ela começa a ter ideias, a pensar”.

Cenas:

- 1ª cena: 3min45seg até 6min05seg

- 2ª cena: 7min50seg até 8min33seg

Perguntas para as crianças:

- Se você fosse amigo(a) de Bela, você acharia esquisito que ela gostasse de ler?
- O que você acha sobre as pessoas da vila em que Bela mora pensarem que ela deve deixar os livros e a leitura de lado para prestar mais atenção em Gastão?

➤ Valente

Na primeira cena, Merida conta que tem três irmãos e que eles podem fazer tudo, e ela não pode fazer nada por ser uma princesa. Em seguida, ela explica que é uma princesa e sua mãe começa a lhe explicar como deve ser uma princesa, e, como tal, o que ela deve e não deve fazer. Na segunda, após sua mãe lhe contar que ela vai participar de um evento em que alguns pretendentes lutam pela mão de Merida, ela pergunta por que deve se casar. Sua mãe justifica contando uma lenda do reino, em que o mais velho dos irmãos deve ser um dos pilares de um reino para que este tenha sucesso. Ao final, Merida mostra mais uma vez sua contrariedade com o fato de ter que se casar e ser princesa.

Cenas:

- 1ª cena: 05min15seg até 9min
- 2ª cena: 13min até 16min10 seg

Perguntas para as crianças:

- Por que você acha que Merida não pode fazer tudo, como seus irmãos podem?
- Por que você acha que Merida não pode ser arqueira, como ela gostaria?
- Você acha que ela deveria se casar, mesmo não querendo?

- Você acha que ela precisa se casar para ser rainha do seu reino?
- Você acha que ela poderia ser arqueira e rainha do seu reino?
- Você gostaria de ser uma princesa (ou príncipe) como ela?

F. Roteiro de entrevista para os/as psicólogos/as clínicos/as

1. Você costuma assistir filmes infantis?
2. Você utiliza esse recurso ou os temas neles abordados na sua prática clínica? (Se sim, de que forma?)
3. Qual o seu filme infantil preferido? Por quê?
4. Qual filme infantil você não gosta? Por quê?
5. De que forma você acha que os modelos de feminilidade e masculinidade apresentados nos filmes infantis influenciam na construção da subjetividade das crianças?
6. Isso se dá de formas diferentes entre meninos e meninas ou não? Por quê? (Se sim, como é para cada um deles?)
7. De forma geral, como você percebe que a feminilidade e a masculinidade são representadas nos filmes infantis?
8. Você acha que a feminilidade e a masculinidade deveriam ser representadas de maneira diferente, ou não? Por quê?
9. Se sim, como elas deveriam ser representadas?
10. Na sua prática clínica, você identifica nas narrativas das crianças influências advindas dos filmes infantis, ou não? (Se sim, de que forma isso acontece para as meninas? E para os meninos?)
11. Você acha que são esperadas coisas diferentes de homens e mulheres na nossa sociedade, ou não? Por quê? (Se sim, você acha que deveria ser de outra forma? Por quê?)
12. Você gostaria de acrescentar algo?

Anexos

A. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Uniceub



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA **Título da Pesquisa:** Estereótipos de gênero no cinema infantil: o "olhar" de crianças e de psicólogos/as

clínicos/as **Pesquisador:** Ana Flávia do Amaral Madureira

Área Temática: **Versão:** 2 **CAAE:** 84739518.0.0000.0023 **Instituição Proponente:** Centro Universitário de Brasília - UNICEUB **Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.612.555

Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora o projeto "Estereótipos de gênero no cinema infantil: o olhar de crianças e de psicólogos/as clínicos/as tem como objetivo geral investigar a percepção de crianças na faixa etária entre 7 e 9 anos e de psicólogos/as clínicos/as acerca dos estereótipos de gênero a partir de filmes infantis. A metodologia proposta envolverá a realização de entrevistas individuais semi estruturadas e, para as crianças, além da entrevista, a apresentação de cenas previamente selecionadas de filmes infantis e a realização, ao final, de um desenho sobre uma delas".

Objetivo da Pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo primário: "Investigar a percepção de crianças na faixa etária entre 7 e 9 anos e de psicólogos/as clínicos/as acerca dos estereótipos de gênero a partir de filmes infantis".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos, foi assim esclarecido: "oferece baixos riscos aos participantes, sendo estes inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas serão tomadas com o intuito de minimizar ao máximo quaisquer riscos ou incômodos, como, por exemplo, informar os/as participantes de que não existem respostas certas e erradas e sobre a importância deles/elas

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1o andar **Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075 **UF:** DF **Município:** BRASÍLIA **Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Página 01 de 04



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Continuação do Parecer: 2.612.555

apresentarem sua opinião pessoal. Ainda assim, caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento aos/às participantes, os/as mesmos/as não precisam realizá-lo". E sobre os benefícios, informou que os participantes deste estudo "estarão contribuindo na construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema focalizado na pesquisa".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Considerando o papel na formação complementar da criança sobre o tema a ser pesquisado e a escassez de sistematização sobre tal, este estudo é relevante e poderá contribuir para os aspectos sociais e acadêmicos. O projeto está claro, respaldado pela observância às diretrizes éticas e atendeu a solicitação apresentada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram devidamente apresentados: Cronograma de Execução; Identificação Orçamentária, a Folha de Rosto está assinada adequadamente; o Termo de Consentimento Livre Esclarecido para os responsáveis pelas crianças e o dos psicólogos estão adequados, bem como o roteiro da entrevista a ser realizado, em consonância com a Resolução No510/2016, do Conselho Nacional de Saúde - CNS.

Recomendações:

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções no 446/12 e no 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto: A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco; II - desenvolver o projeto conforme delineado;

III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1o andar **Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075 **UF:** DF **Município:** BRASÍLIA **Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Página 02 de 04



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Continuação do Parecer: 2.612.555

V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final; VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento. O modelo do relatório encontra-se disponível na página do UniCEUB

http://www.uniceub.br/instituicao/pesquisa/ins030_pesquisacomitebio.aspx, em Relatório de Finalização e Acompanhamento de Pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa está apta a ser iniciada uma vez que atendeu à solicitação apontada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo aprovado ad referendum pelo CEP-UniCEUB, com parecer N° 2.612.550/18, tendo sido homologado pela coordenação em 21 de abril de 2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1088590.pdf	17/04/2018 17:20:15		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO.docx	17/04/2018 17:19:49	RAISSA SEABRA DE CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto1.pdf	08/03/2018 12:25:38	RAISSA SEABRA DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsaveis.docx	08/03/2018 12:25:05	RAISSA SEABRA DE CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_psicologos.docx	08/03/2018 12:24:57	RAISSA SEABRA DE CARVALHO	Aceito

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.110, 1o andar **Bairro:** Setor Universitário **CEP:** 70.790-075 **UF:** DF **Município:** BRASILIA **Telefone:** (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Página 03 de 04



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

Continuação do Parecer: 2.612.555

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Raissa_Seabra_de_Carvalho.docx	08/03/2018 12:24:47	RAISSA SEABRA DE CARVALHO	Aceito
--	--------------------------------	------------------------	------------------------------	--------

BRASILIA, 21 de Abril de 2018

Assinado por:**Marilia de Queiroz Dias Jacome (Coordenador)**

B. Desenhos produzidos pelas crianças